

Meu tio o Iauaretê: a besta, o soberano e o devir-animal

André Monteiro¹

Universidade Federal de Juiz de Fora
duidimonteiro@gmail.com

Sandra Elizabeth Silva de Barros²

Universidade Federal de Juiz de Fora
sesilvadebarros@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo compreende o estudo acerca do animal na literatura tendo como texto principal para análise o conto de João Guimarães Rosa intitulado *Meu tio o Iauaretê*. Alguns conceitos a respeito dos animais, apresentados por Maria Esther Maciel e Jacques Derrida e o conceito de devir-animal de Gilles Deleuze contribuirão para reflexões científicas e literárias sobre essas criaturas.

Palavras-chave: Animal; Devir; Devir-animal; Derrida; Deleuze.

Abstract: This article encompasses the study about the animal in literature upon analysis of João Guimarães Rosa's short story, *Meu tio o Iauaretê*. Some concepts related to animals, introduced by Maria Esther Maciel and Jacques Derrida, along with Gilles Deleuze's concept of *animal devir*, will enhance scientific and literary reflections concerning such creatures.

Key-words: Animal; Devir; Devir-animal; Derrida; Deleuze.

Recebido em 15/1/2020

Aceito em 20/02/2020

¹ André Monteiro é doutor e pós-doutor em Estudos da Literatura pela PUC-Rio, professor de literatura da Universidade Federal de Juiz de Fora. Tem experiência de ensino e pesquisa em teoria e crítica literárias e áreas afins, atuando principalmente nos seguintes temas: modernismo antropofágico, poesia contemporânea, arte e vida no mundo contemporâneo, escrita e produção de subjetividade. Publicou os livros *Romance de Asilo* (2019), *Uma Prosa de Sócrates* (2016), *Inacreditáveis: assovios antropofágicos* (2016), *Universidágua: pedagogia de sonho líquido* (2016), *LIUBLIBLABLÁ: mastigações de um camelo* (2015), *Cheguei atrasado no campeonato de suicídio* (2014).

² Doutoranda em Letras (UFJF). Mestre em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora/PUC Minas (2013). Especialista em Alfabetização e Letramento pela Universidade Federal de São João Del-Rei (2011). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2001). Professora Regente na Prefeitura de Juiz de Fora. Tutora do curso de Especialização em Ensino de Sociologia no Ensino Médio (UFSJ).

1. Meu tio o Iauaretê

João Guimarães Rosa escreveu diversos textos em que estão inseridos animais como pano de fundo para suas histórias. Se pudermos destacar uma de suas narrativas mais interessantes com esses personagens, temos em *Meu tio o Iauaretê* o exemplo mais extraordinário dessa forma literária. Considerado por estudiosos uma obra prima, esse conto foi publicado pela primeira vez na revista *Senhor* de número 25, em março de 1961. Em anotação manuscrita contida no original, o autor revela que *Meu tio o Iauaretê* foi escrita antes de *Grande Sertão: Veredas* (1953). Essa revelação é considerada relevante para entendermos que existe uma forma parecida de retratar o narrador nos dois textos. O registro feito pelo autor demonstra sua explicação ao fato de a obra ter sido engavetada e publicada posteriormente, pois ele não queria que duas histórias com traços semelhantes fossem oferecidas ao público em conjunto. Por isso, o conto foi republicado no livro póstumo de Guimarães Rosa intitulado *Estas estórias*, em 1969 organizado por Paulo Rónai.

O enredo do conto em questão trata da história de um caçador de onças que, ao receber um visitante em sua casa, começa a relatar para ele suas histórias de onceiro. O texto é contado pelo narrador-personagem que utiliza para isso somente sua fala, mas, ao longo da leitura, percebemos que sua fala faz referência ao outro, ou seja, a seu hóspede, possibilitando ao leitor a percepção da presença desse personagem:

Mecê pode comer, paçoca é de tamanduá não. Paçoca de carne boa, tatu-hu. Tatu eu matei. Tomei de onça não. Bicho pequeno elas não guardam: comem inteirinho, ele todo. Muita pimenta, hã... Nhem? ã-hã, é, tá escuro. Lua ainda não veio. Lua tá vesprando, mais logo sobe. Hum, não tem. Tem candieiro não, luz nenhuma. Sopro o fogo. Faz mal não, rancho não pega fogo, tou olhando, olho. Foguinho debaixo da rede é bom-bonito, alumeia, esquentá. Aqui tem graveto, araçá, lenha voa. Pra mim só, não carece, eu sei entender no escuro [...] (ROSA, 1985, p.162-163).

Guimarães Rosa cria um texto que habita a fronteira de diferentes espaços e culturas. O protagonista transita então entre sua cultura indígena e o universo do animal. Como salienta Maria Cândida Ferreira de Almeida (2002, p.240), em seu livro *Tornar-se outro: o topos canibal na literatura brasileira*, o índio explanado na narrativa está sujeito à antropomorfização: “a percepção ameríndia pressupõe uma humanidade comum a todos os seres que lhes fornece um lugar de sujeito”. Isso significa que ele possivelmente não vira uma onça, mas esse animal já faz parte dele, o jaguar já está

dentro dele, assim como a autora finaliza, com muita procedência, esse parágrafo: “as onças são sujeitos e a fala do zagaieiro expande-se, criando-os sujeitos”. Nesse caso, o sobrinho do Iauaretê nunca se tornou onça, pois ele já era esse bicho por toda sua vida. Este devir-animal esteve sempre presente ao longo de sua vida, como o índio que ele também nunca deixou de ser.

Ao longo de seu relato, o sobrinho do Iauaretê, denominação indígena que, segundo Walnice Nogueira Galvão, significa “onça verdadeira” (GALVÃO, 1978, p.20), utiliza-se de diversos tipos de linguagem, deixando transparecer, assim, sua figura ora de homem branco, ora de índio, ora de animal: [...] “Hui! Atiê! Atimbora! Mecê não pode falar que eu matei onça, pode não. Eu posso. Não fala, não”. (ROSA, 1985, p. 163).

Voltando ao início do texto, podemos vislumbrar o nome da história: *Meu tio o Iauaretê*, onde Tonho já é intitulado parente da onça. O pronome possessivo meu, aliado ao substantivo tio, faz transparecer logo à apresentação do texto sua animalidade. Animalidade essa que os estudos de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997, p. 64) informam que não está relacionada propriamente à imitação:

É que devir não é imitar algo ou alguém, identificar-se com ele. Tampouco é proporcionar relações formais. Nenhuma dessas duas figuras de analogia convém ao devir, nem a imitação de um sujeito, nem a proporcionalidade de uma forma. Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo.

Pode-se compreender, após a reflexão dos autores, que o sobrinho do Iauaretê não deseja em momento algum imitar uma das onças tão repetidamente referenciadas em suas histórias. Ele deseja ser uma delas na medida em que seu devir-animal busca a concretização desse desejo. O tigreiro não imita a onça, ele simplesmente retira as formas dela e, dessa maneira, vai se transformando nela:

Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam. A questão "o que você está se tornando?" é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 10).

Essa afirmação está relacionada intimamente com o comentário de Eduardo Viveiros de Castro (1996), antropólogo e profundo estudioso da cultura indígena. Em seu estudo *Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio*, publicado na revista *Mana*. Nesse, o pesquisador explica que a humanidade é um aspecto comum tanto aos animais quanto aos seres humanos. Tonho não encontrou sua animalidade, pois essa característica não está necessariamente presente no homem e no animal. Ele se deparou com sua humanidade existente tanto em sua personalidade homem e índio, quanto em sua personalidade homem e animal. Assim, “essa dupla captura” (DELEUZE, 1998, p.10) tornou-se real na humanidade existente no homem e nesse animal sobrinho do Iauaretê.

Ao analisarmos esse aspecto, percebemos que o caçador de onças nunca foi só, ele sempre esteve ligado ao mundo animal, no qual faz sua morada. Em sua caminhada homem/animal, Tonho manteve-se vinculado a esses dois polos. Regressando ao texto estudado, podemos destacar outra relação relevante do homem com o animal. Adriana de Fátima Barbosa Araújo, em sua pesquisa sobre *Meu tio o Iauaretê*, explica que:

O nheengatu é a língua geral amazônica que, ao contrário da paulista, é falada até hoje e constitui a língua oficial de São Gabriel da Cachoeira no estado do Amazonas. Em 2006, a Cachoeira de Iauaretê, que dá nome ao povoado, foi considerada Lugar Sagrado dos Povos Indígenas dos Rios Uaupés e Papurí, o primeiro bem imaterial a ser inscrito no Livro dos Lugares, mas oitavo patrimônio imaterial brasileiro. [...] A palavra Iauaretê, “onça verdadeira”, é um topônimo que faz alusão a uma “gente-onça”, que no passado remoto habitou o lugar (ARAÚJO, 2009, p.5).

Essa descoberta da estudiosa nos faz pensar na relação da “gente onça” que viveu nesse lugar e, por consequência, pode ser repassada para a narrativa de Guimarães Rosa. Assim sendo, pode-se considerar que Tonho Tigreiro poderia ser reconhecido como um resquício dessa “gente-onça”.

Além desses achados, observamos que são muitos os nomes que a personagem principal tem ao longo da história:

[...] Ah, eu tenho todo nome. Nome meu minha mãe me pôs: Bacuriquirepa. Breó, Beró, também. Pai meu me levou pra o missionário. Batizou, batizou. Nome de Tonico; bonito, será? Antonio de Eiesús... Depois me chamavam de Macuncôzo, nome era de um sítio que era de outro dono, é – um sítio que chamam de Macuncôzo... Agora, tenho nome nenhum, não careço. Nhô Nhuão Guede me chamava de Tonho Tigreiro. Nhô Nhuão Guede me trouxe pr’aquí, eu nhum, sozim. Não devia! Agora tenho nome mais não [...]

(ROSA, 1985, p.181).

Isso significa que, na narrativa, o protagonista tem os nomes que se referem ao meio em que vive. Em alguns momentos, nome de índio; em outros, nomes de homem branco, nomes relacionados a sua profissão ou aos lugares onde está realizando suas tarefas de onceiro e dos animais selvagens. Quando finalmente está se preparando para se tornar bicho, ele fica sem nome, isso reafirma seu caminhar para a vida animal e, de acordo com Jacques Derrida em seu livro *O animal que logo sou*, nomear algo significa biblicamente “sacrificar o vivente a Deus.” (2002, p. 79).

Além de não ter nome, ele também não tem lugar. Tonho, portanto, faz como os animais selvagens livres, ele não tem lugar: “Hã-hã. Isto não é casa... E. Havéra. Acho. Sou fazendeiro não, sou morador... Eh, também sou morador não. Eu - toda a parte. Tou aqui, quando eu quero eu mudo. E. Aqui eu durmo” (ROSA, 1985, p.160).

Os animais estão em toda parte, eles não têm um lugar fixo. A não ser que o homem os coloque em um lugar específico, como em sua casa, no caso dos animais domésticos; como nos zoológicos, no caso dos animais selvagens. Tonho age como os bichos que estão à sua volta e não possui um local fixo para morar. Assim, como eles, demarca seu território: “Ninguém mora em riba do meu cheiro (ROSA, 1985, p.162)”.

[...] há animais sem território, mas os animais de território são prodigiosos, porque constituir um território, para mim, é quase o nascimento da arte. Quando vemos como um animal marca seu território, todo mundo sabe, todo mundo invoca sempre... as histórias de glândulas anais, de urina, com as quais eles marcam as fronteiras de seu território. O que intervém na marcação é, também, uma série de posturas, por exemplo, se abaixar, se levantar. Uma série de cores, os macacos, por exemplo, as cores das nádegas dos macacos, que eles manifestam na fronteira do território... Cor, canto, postura, são as três determinações da arte, quero dizer, a cor, as linhas, as posturas animais são, às vezes, verdadeiras linhas. Cor, linha, canto. É a arte em estado puro. E, então, eu me digo, quando eles saem de seu território ou quando voltam para ele, seu comportamento... O território é o domínio do ter. É curioso que seja no ter, isto é, minhas propriedades, minhas propriedades à maneira de Beckett ou de Michaux. O território são as propriedades do animal, e sair do território é se aventurar. Há bichos que reconhecem seu cônjuge, o reconhecem no território, mas não fora dele. (DELEUZE, 1998, p.3-4).

Estaria então o onceiro a proteger seu território que está sendo invadido por perguntas que poderiam ter como objetivo somente destitui-lo desse ambiente? Mais adiante no texto podemos sentir sua reafirmação como sujeito onça:

[...] Trem ruim, eu sou bicho do mato [...]
Mecê tá ouvindo, nhem? Tá aperceijando... Eu sou onça, não falei?! Axi. Não falei - eu viro onça? Onça grande, tubixaba. Ói unha minha: mecê olha - unhão preto, unha dura... Cê vem me cheira: tenho catinga de onça? Preto Tiodoro falou eu tenho, ei, ei. . Todo dia

eu lavo corpo no poço... Mas mecê pode dormir, hum, hum, vai ficar esperando camarada não. Mecê tá doente, carece de deitar no jirau. Onça vem cá não, cê pode guardar revólver... (ROSA, 1985, p.197).

O texto *O Abecedário de Deleuze* (1998) é a transcrição do vídeo de cerca de sete horas filmado entre os anos de 1988-1989. Na obra cinematográfica, Claire Parnet, ex-aluna do filósofo, dirige uma entrevista concedida por ele para abordar uma diversidade de temas que constituem, assim, o seu denso abecedário. Nele encontramos o significado de como o animal é representado para o estudioso: “é o ser à espreita, um ser, fundamentalmente, à espreita”.

Essa perspectiva vai ao encontro de como está o personagem principal em *Meu tio o Iauaretê*, sempre à espreita, pronto para dar o bote. Mesmo estando embriagado, Tonho continua contando sua história para seu visitante, mas, ao longo do percurso, o narrador inverte seus relatos e o que eram mortes naturais nas redondezas por motivo de doenças passam todas elas a ser descritas como sendo de sua autoria. Tanto por contato indireto, levando-as ao encontro do animal, quanto por contato direto, ao relatar que encontrou seu Rauremiro e seus familiares mordidos e mortos e que, ao sair correndo diante da situação, sentiu o gosto do sangue das vítimas em sua boca, seria um traçado de sua trilha para se tornar um animal. Ele mata suas vítimas por perceber nelas defeitos humanos e encontra virtudes nos animais como nas onças. Ao invés de matar as onças, sua tarefa inicial, ele mata as pessoas. Elas são, para ele, inimigas desses bichos.

Também é demonstrada na história sua paixão pela onça Maria-Maria, que assim foi denominada por ele, demonstrando novamente para nós leitores o hábito do homem em nomear os seres. Sua onça tem nome, ela é humanizada: “Primeira que eu vi e não matei, foi Maria-Maria. [...] Abri os olhos, encarei. Falei baixinho: -“Ei, Maria-Maria... Carece de caçar juízo, Maria-Maria... [...]” (ROSA, 1985, p.173-174). Essa onça faz com que ele mude de ideia e pare de matar onças. Sua paixão por esses animais e seu devir-animal tinha se tornado mais profundo nesse momento.

Após receber seu visitante, contar sua história e passar o tempo todo de tocaia, o homem-quase-animal entra num embate final com seu hóspede. Qual será o vencedor: o habitante de sua terra, sem nome, sem lugar, mas que pertence a esse lugar? Ou seu oposto, o homem branco, majoritário, com sua arma de fogo que é sua força. “Por que há tantos devires do homem, mas não um devir-homem? É primeiro porque o homem é

majoritário por excelência, enquanto que os devires são minoritários, todo devir é um devirminoritário” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 87).

São muitas as formas como os leitores podem detectar o desfecho final dessa história. Cada um com seu modo de ver esse fim. No entanto, aqui ele não será analisado, pois poderia Rosa ter realmente escrito para que ficássemos nessa dúvida. O que cabe agora é contemplarmos o término do texto no qual estão as vozes, os nhenhens, os falares de uma metamorfose final:

[...] Ói a onça! Ui, ui, mecê é bom, faz isso comigo não; me mata não ... Eu - Macuncôzo... Faz isso não, faz não... Nhenhém... Heeé! ... Hé... Aar-rrã... Aaãh... Cê me arrhoôu... Remuaci... Rêiucàanacê... Araaã... Uhm... Ui... Ui... Uh... uh...êêê...êê...ê...ê . (ROSA, 1985, p.198).

A partir do conto *Meu Tio o Iauaretê* compreendemos que o animal é configurado por meio da linguagem de Tonho Tigreiro que, ao longo da história, representa sua fala de homem/índio/animal para se tornar finalmente onça, tão mencionada pelo personagem principal.

2. A besta e o soberano: o primeiro encontro

O livro *A besta e o soberano* (2016), que também é um seminário, foi o último ministrado por Jacques Derrida na escola de altos estudos em ciências sociais, em Paris. Ele começa suas comunicações em 12 de dezembro de 2001 e as termina em 2003.

Como já visto anteriormente, alguns autores e autoras brasileiros já demonstraram seu apreço pelos animais inserindo-os em alguns de seus livros. Dentre estes, Clarice Lispector possui algumas obras tendo animais como protagonistas. Em seu livro *A descoberta do mundo*, ela descreveu seu olhar de como o homem pode lidar com o animal:

Quem se recusa à visão de um bicho está com medo de si próprio. Mas às vezes me arrepio vendo um bicho. Sim, às vezes sinto o mudo grito ancestral dentro de mim quando estou com eles: parece que não sei mais quem é o animal, se eu ou o bicho, e me confundo toda, fico ao que parece com medo de encarar meus próprios instintos abafados que, diante do bicho sou obrigada a assumir, exigentes como são, que se há de fazer, pobre de nós. Conheci uma mulher que humanizava os bichos, conversando com eles, emprestando-lhes suas próprias características. Mas eu não humanizo os bichos, acho que é uma ofensa – há de respeitar-lhes a natura – eu é que me animalizo. (LISPECTOR, 1984, pp.519-520)

O texto de Clarice Lispector reproduz as palavras e sensações de algumas pessoas ao estar com um animal. No entanto, será que ele também representa o pensamento de Jacques Derrida? Infelizmente nunca saberemos. O seminário apresentado *A besta e o soberano* é a análise de um livro publicado após a morte do estudioso e pode não representar o que realmente ele gostaria de ter escrito, pois foi feito a partir dos escritos dele que não foram revisados previamente como sempre fazia antes das publicações de seus livros. Aqui será colocada a primeira apresentação de 13 seminários lidos por Jacques Derrida, de 12 de dezembro de 2000 até 27 de março de 2002, que constam no livro traduzido para a língua portuguesa. O segundo volume da obra ainda não está disponível em português.

O primeiro capítulo é iniciado do seguinte modo: “A... o”. Com essas duas letras o filósofo começa a justificar o título do livro. A questão animal mantém-se permanente para ele, mas ele não considera a besta como um animal. Para ele, os artigos “a” e “o” tem inúmeras diferenças:

A, o (feminino, masculino), como se nós estivéssemos denominando ai, antecipadamente, certo casal, certo acoplamento, uma intriga de aliança ou de hostilidade, de guerra ou de paz, de casamento ou de divórcio- não apenas entre duas espécies de viventes (o animal e o homem) mas entre dois sexos que desde o título, e em uma certa língua, o francês, armam uma cena (DERRIDA, 2016,p.18).

A razão é destacada pelo autor: com quem estaria a razão? Com a besta, com o animal, com o homem ou com o soberano? Diversos pensadores que refletiram sobre a soberania e sobre o domínio ou não do homem perante o animal – como Platão, Santo Agostinho, Aristóteles, Kant, Nietzsche, Rosseau, Grotius, Maquiavel, Hobbes, Pascal, Heidegger, Schmitt, Valéry, Lévinas, Deleuze, Agamben e outros estudiosos – estão no texto para desconstruir a ideia de soberania questionada pelo teórico. Para proferir sua palestra, Derrida utilizou inúmeros exemplos retirados da filosofia, do direito, da ciência política, da literatura e da linguagem. O filósofo evocou o devir-besta e o devir-soberano para levar a reflexão sobre a soberania. Ele argumenta que o animal e o soberano tem em comum o fato de estarem ambos fora da lei: o animal abaixo da lei e o soberano acima. Com a fábula de La Fontaine, *O lobo e o cordeiro* (2007), Derrida descreve para nós o passo de lobo, que, através da fábula ou, dos passos do lobo, bem silencioso, não poderiam ser os passos de uma pomba, pois mesmo sendo passos parecidos, ou silenciosos, o primeiro animal precede a guerra e o segundo, a paz. A

moral indicada pela fábula é de que “a razão do mais forte é sempre a melhor”. Mas essa razão, ou essa soberania, sempre deve ser mais estudada por nós, pois ainda não entendemos quem é esse soberano. E a conclusão dada pelo autor para o capítulo é a seguinte: “a besta e o soberano (o casal, o acoplamento, a cópula), a besta é o soberano, o homem é a besta para o homem” (DERRIDA, 2016, p. 57), ou seja, ao avistar um inimigo, ou pode-se dizer a besta, o homem, soberano, transforma-se nela, mas, indiretamente, ela já estaria ligada a ele. É nessa desconstrução que Derrida nos faz refletir sobre sermos bestas ou soberanos diante do animal. E, para que façamos o correto uso dos ensinamentos do estudioso, temos que nos deixar ser vistos pelos animais para que possamos finalmente assimilar seus pensamentos.

Diante desse conflito, podemos retornar as reflexões do autor em seu livro *O animal que logo sou*. A besta pode ser considerada o animal se sujeitando a soberania do homem, como a gata sobre o olhar de Derrida ou como a mulher que é sempre subjugada pelo universo masculino. Neste primeiro capítulo, os artigos “o” e “a” além de representarem a soberania do homem perante o animal, representam também a equivocada soberania do homem perante a mulher.

Os passos do lobo contados no capítulo através da fábula de Jean de La Fontaine representam os passos de quem não pode se anunciar, pois ele é descrito pelo homem, ou seja, sua história é sempre contada por um ser humano e não por ele mesmo. Esse animal não tem voz como as mulheres, não tem voz como os negros ou como qualquer ser que o soberano homem entende que não pode ter voz, pois está sob o seu domínio.

Contudo, ao criar o termo *animot* o filósofo entende que essa palavra representa:

[...] uma recusa ética em busca de neutralizar os efeitos trágicos dessa fábula que o homem permanentemente se inventa tanto no plano ontológico quanto político quando pronuncia as palavras ‘animal’ ou ‘besta’. Ele é portanto um conceito negativo visando desconstruir essa violência que habita fantasmagoricamente a linguagem humana e que se converteu em violência imunitária e auto-imunitária. (PUCHEU, 2018, p.49).

A partir da citação, pode-se entender que ser um animal para o homem é algo que ele prefere omitir. Ao perceber essa recusa, Derrida ao criar um novo termo para denominar esse ser pode ter idealizado uma nova forma de conceber o vivente animal e, com isso, provocou uma maior percepção dos estudiosos para o que diz respeito a contemplação do relacionamento dos seres humanos com os bichos.

3. A besta, o soberano e o devir-animal

Ao nos depararmos com o conto de João Guimarães Rosa percebemos que o homem vislumbrado pelo autor não se apresenta como um indivíduo só. Ele traz em sua personalidade e linguagem três diferentes personagens: o homem, o índio e o animal. Em Derrida, podemos enxergar essas três personalidades como diferentes formas de poder envolvendo o zagaieiro e fazendo-o cada hora se tornar o outro, sendo besta, sendo soberano, sendo homem, sendo animal. É uma luta intermitente da soberania entre o homem e o animal. Já em Deleuze, esse tornar-se outro é natural e corresponde a uma descentralização do sujeito, ou seja ele torna-se outro por que já está nele esse outro e essa metamorfose é automática, então ele pode ser homem e ser animal ao mesmo tempo, pois sua essência está nesse intercâmbio.

De acordo com Jacques Derrida, o pensamento de qualquer animal só seria contemplado em uma poesia, como já o teria feito uma vez com um ouriço no texto intitulado *O que é Poesia?* (DERRIDA, 2003). Ele afirma que descrever os pensamentos de um animal também poderia ser representado por meio de uma tese. Ao contrário do conto escrito por João Guimarães Rosa, o filósofo afirma que existem indivíduos que escreveram sobre animais, mas que nunca se vislumbraram pelo olhar do animal e, mesmo que já tenham feito isso, não levaram em consideração este próprio animal:

É como se os homens desta configuração tivessem visto sem terem sido vistos, como se tivessem visto o animal sem terem sido vistos por ele: sem se terem visto vistos nus por alguém que do fundo de uma vida dita animal, e não apenas pelo olhar, tê-los obrigado a reconhecer, no momento da destinação, que isso tinha a ver com eles. (DERRIDA, 2002, p.33-34).

A afirmação feita pelo estudioso corrobora com o pensamento de Maria Esther Maciel (2011, p. 98) no texto *Poéticas do animal*: “Os humanos precisam se aceitar como animais para se tornarem humanos”. No pensamento Derridiano, o animal e o homem são seres diferentes que se distanciam por estarem em lugares diferentes de autoridade. O homem se considera soberano diante de todos os indivíduos que lhe são diferentes e o animal apresenta-se subjugado a esse ser que biologicamente é seu semelhante. Essa constatação foi exemplificada por Davi Lopes da Silva em seu texto *O pulo da onça em Guimarães Rosa: Meu tio o Iauaretê*:

Ao literalmente “virar onça”, o índio de Guimarães Rosa, então, volta-se contra o senhor civilizado (que é o seu leitor), como uma espécie de retorno do reprimido, que são os instintos e pulsões domesticados, o fundo selvagem civilizado. Essa re-volta da onça no texto radicaliza também uma tendência a humanizar o animal que é recorrente na literatura brasileira, dada a dificuldade em enxergar o animal-em-si, o animal propriamente dito, o devir-animal, devido a repressão secular exercida sobre ele [...]. (SILVA, 2006, p. 78)

Já em Deleuze essa divisão não ocorre. São seres que se misturam e conseguem conviver dialogicamente num mesmo corpo. Esse entre só pode ser alcançado através da escrita como foi feito em *Meu tio o Iauaretê*. A ideia de descrever a linguagem animal através da escrita se assemelha com o pensamento de Jacques Derrida e outros filósofos. Para Bataille: “[...] a maneira correta de falar dele só pode ser abertamente poética, já que a poesia não descreve nada que não deslize para o incognoscível”. (Bataille, 1993, p. 11).

É perceptível que concepções sobre o animal de Jacques Derrida e Gilles Deleuze são diferentes, pois enquanto um entende o animal como um ser que está submetido a soberania do homem, o outro reverbera a voz desse animal através do devir, identificando-o como um ser que ocupa o mesmo lugar do seu semelhante. O animal e o homem são, para ele, seres análogos que possuem a mesma voz. Porém, mesmo não tendo o mesmo entendimento sobre essa relação, os dois filósofos concordam que é com literatura e filosofia que conseguiremos construir um melhor relacionamento entre homens e animais.

4. Considerações finais?

Ao pensarmos na convivência dos homens com os animais através de nossa história já estaremos dentro de um conflito. É necessário dar continuidade a esse estudo que vai muito além das reflexões sobre o pensamento enganoso de soberania do homem diante do animal ou de apenas estudar a literatura acerca do homem com o animal. É necessário perceber que um exame mais cuidadoso sobre a relação homem *versus* animal permitiria certamente uma tese. Ao estudarmos esse relacionamento surgem inúmeros questionamentos que poderiam ser analisados por nós, homens, bestas ou animais. No presente trabalho, o que fica de mais pertinente no estudo é o devir-animal representado por *Meu tio o Iauaretê*. Esta dupla captura, amplamente investigada por

Deleuze em outros textos, faz de todos os indivíduos minoritários vozes para representar o outro na literatura. É necessário, então, aliar a literatura à filosofia nessa troca, como já fez João Guimarães Rosa em seus diversos textos, descrevendo o olhar dos animais a nos olhar. Enfim, essa escrita pode ser feita através da narrativa ou da poesia, mas que não nos esqueçamos no tempo atual, com tantas bestas e soberanos, desses tantos devires que atravessam nossa existência.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Maria Cândida. F. Tornar-se outro: devir-animal e canibalismo em “Meu tio o Iauaretê”. In: _____. *Tornar-se outro: o topos canibal na literatura brasileira*. São Paulo: Annablume, 2002.
- ARAÚJO, Adriana de Fátima Barbosa. *Uma pesquisa sobre “Meu tio o Iauaretê” de Guimarães Rosa: passos iniciais*. Revista de Letras, Brasília, v. 1, n. 2, 2009. Disponível em <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/>. RL /article/view/954/836 p. 26 a 33>. Acesso em: 19 ago. de 2012.
- BATAILLE, Georges. “A Animalidade”. In: *Teoria da religião*. Trad. Sérgio Góes de Paula e Viviane de Lamare. São Paulo: Ática, 1993.
- BÍBLIA SAGRADA: Nova tradução na linguagem de hoje. *Livro de Gênesis*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
- BERGER, John. Por que olhar os animais? *Sobre o olhar*. Trad. Lya Luft. Barcelona: Gustavo Gili, 2003, p.11-32.
- BLOOM, Harold. *Contos e poemas para crianças extremamente inteligentes de todas as idades*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- BUENO, Wilson. *Jardim zoológico*. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, Museu Nacional, UFRJ. v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.
- COETZEE, John Maxwell. *A vida dos animais*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. O abecedário de Gilles Deleuze: transcrição integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos. Éditions Montparnasse: Paris, 1988. Disponível em: <http://www.oestrangeiro.net/index.php?option=com_content&task=view&id=67&Itemid=51>. Acesso em 19 jul. 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *A besta e o soberano*. Trad. Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Editora Via Verita, 2016.
- _____. Che cos'è la poesia? Xul: Electronic Archive, n. 11, p. 12, 2003.
- _____. *O animal que logo sou*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- DANIEL, Claudio. *Figuras metálicas: travessia poética (1983-2003)*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- LA FONTAINE, Jean de. *O lobo e o cordeiro*. São Paulo: Escala, 2007.

- GALVÃO, Walnice Nogueira. *Mitológica rosiana*. São Paulo: Ática, 1978.
- GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS; FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *Prova: Conhecimentos Gerais Conhecimentos Específicos*. Belo Horizonte, 2012.
- KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Trad. Brenno Silveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- LIMA, Maria de Fátima Gonçalves. *Contemplação e poesia em o cão sem plumas*. LL Journal, v. 7, n. 1, 2012.
- LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MACIEL, Maria Esther (Org). *O animal escrito*. São Paulo: Lume Editor, 2008.
- _____. Zoopoéticas contemporâneas. In: *Remate de Males*. Campinas, 27.2, p. 197-206, jul/dez. 2007.
- _____. *Pensar/escrever o animal*. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.
- MENDES, Murilo. *Poliedro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- POLITO, Ronald. *Terminal*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.
- PUCHEU, Alberto. De capivaras, bois, povo, domésticas, leões, serpentes, lagartos, poetas, bugios, galinhas e outros animais. *Que porra é essa: poesia?* Rio de Janeiro: Azougue Editorial/FAPERJ, 2018.
- ROSA, João Guimarães. *Ave, Palavra*. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSA, João Guimarães. *Estas estórias*. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editôra, 1969.
- _____. Grande Sertão: Veredas. 4ª. Ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Mal-estar na cultura: corpo e animalidade em Kafka, Freud e Coetzee. In: *Pensar/escrever o animal*. Florianópolis: Editora UFSC, 2011, p.149 -167.
- SILVA, Sandra Elizabeth da. *Os animais em Ave, palavra, de Guimarães Rosa, em Poliedro, de Murilo Mendes e em outros zootextos*. (Dissertação Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, 2013.
- SILVA, David Lopes da. *O pulo da onça em Guimarães Rosa: Meu tio o Iauaretê*. Florianópolis, 2006. 209 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira.
- SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MINAS GERAIS. *Animais escritos*. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2010. Disponível em: <[www.cultura.mg.gov.br/arquivos/Suplemento Literario/File/1332.pdf](http://www.cultura.mg.gov.br/arquivos/SuplementoLiterario/File/1332.pdf)>. Acesso em: 17 de ago. 2012.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF). *Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários: Projetos de Pesquisa*. Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppgletas/files/2017/10/Resumo-Projeto-de-Pesquisa-Luiz-Fernando.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2018.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). *Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (Pós-Lit): Projetos de Pesquisa*. Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/poslit/13_projetos_pgs/projetos002.html>. Acesso em: 12 set. 2013.